

Emblemática, memória e esquecimento:
a geografia da salvação e da condenação nos
caminhos do «prodesse ac delectare» na *História do
Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682)
de Alexandre de Gusmão SJ [1629-1724]

Zulmira C. Santos

Universidade do Porto

Se olharmos, ainda que de um modo geral, a vasta produção textual da Companhia de Jesus em Portugal, no século XVII, encontraremos obras de vária natureza, da sermonária às «artes de morrer», dos tratados de retórica às Crónicas institucionais ou aos textos comportando paradigmas de conduta moral e espiritual que revelam, no seu conjunto, a forte acção e vocação «disciplinadoras» da Companhia, espelhadas nessa produção, mas também na coesa organização escolar que, de muito modos, a suportava. Desse ponto de vista, o jesuíta Alexandre de Gusmão [1629-1724] integra o padrão dos muitos discípulos de Santo Inácio a quem devemos textos que se esforçaram por enquadrar numa perspectiva religiosa, moral e espiritual e, portanto, sócio-cultural, a vida dos cristãos nos seus diferentes estados, investindo numa estratégia de expansão do saber, condicionada por um programa preciso de afirmação ideológica, adequado à crescente complexidade do mundo, pelo uso de técnicas específicas¹.

¹ Alexandre de Gusmão nasceu em Lisboa, em 14 de Agosto de 1624. De acordo com as informações de Barbosa Machado, foi para o Brasil, levado pelos pais, quando contava dez anos. Entrou para a Companhia, no colégio da Baía, em 28 de Outubro de 1646. Foi professor de humanidades e «Prefeito de Estudos» no Colégio do Rio de Janeiro, «Ministro» do Colégio da Baía, Reitor do Colégio de Santos, Capitania do Espírito Santo, da Baía e, por fim, Provincial. O facto de ter ocupado, durante oito anos, o cargo de «mestre de noviços» parece tê-lo despertado para a preocupação, tão de acordo com o espírito da Companhia, de educar jovens, tendo fundado, nas imediações da Baía, na Vila de Nossa Senhora do Rosário, um seminário que intitulou de «Belém», de que foi

Basta um breve olhar pelos escritos do Pde Alexandre de Gusmão para constatar esta quase evidência. Partilhou, com outras obras mais ou menos contemporâneas, a preocupação com a educação de crianças e adolescentes, acentuando as obrigações e responsabilidade dos pais nesta área particular², reproduzindo e sublinhando contribuições anteriores³, divulgou a particular devoção a Nossa Senhora⁴, exercitou a dimensão alegórica como forma de investimento no «delectare» para, surpreendendo, captando a atenção e agradando, atingir o «prodesse»⁵.

O Pde Gusmão viveu no Brasil desde os dez anos e aí integrou aos dezassete a Companhia de Jesus. Não valerá a pena, por sabido, frisar a impor-

por duas vezes reitor. Barbosa Machado sublinha que quando Alexandre de Gusmão faleceu, em 15 de Março de 1724, «Foy innumeravel o concurso do povo, que concorreo a venerar o seo Cadáver, do qual levarão grande parte dos vestidos como reliquias de Varão Santo, e para se evitar o tumulto foy occultamente sepultado» (Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Coimbra, 1965, 95-96. Carlos SOMMERVOGEL, SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, Tomo III, 1892, col.1960-1962.

² Sobretudo a *Arte de criar bem os filhos*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1685, mas também a *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio*, Évora, na Officina da Academia, 1678 (2^o ed. em 1735) e o *Menino Christão*, Lisboa, Miguel Deslandes, Impressor delRey, 1695.

³ V. o artigo de Maria de Lurdes Correia Fernandes inserido nestas Actas.

⁴ *Maria Rosa de Nazaret nas montanhas de Hebron, a Virgem nossa Senhora na Companhia de Jesus*, Lisboa, na Officina Real Deslandesiana, 1715. Embora esta obra esteja orientada para dar conta dos «benefícios» e protecção da Virgem Maria aos inacianos, recorde-se o papel activo dos jesuítas na divulgação das devoções marianas que, sobretudo ao longo do século XVIII, lhes trouxe, entre muitos outros motivos, naturalmente, a hostilidade e críticas de sectores jansenistas e jansenizantes, essencialmente pelo que se prendia com excessos de «afectividade». Aliás a própria *Ratio Studiorum* (1599) frisava a importância da «Congregatio B. Virginis. Det operam, ut Divae Mariae Annunciatae congregatio ex Romano Collegio in suum propagetur; cui qui nomen non dederit, non esset in academiam, in qua recolli solent literariae exercitationes, admittendus; nisi forte ipse rector aliter expedire in Domino iudicaverit. Verum ea, quae ad congregationem vel academiam spectant, ne fiant eo tempore, quo in templo nostro sacrae conciones seu lectiones habentur.» (*Ratio Atque Institutio Studiorum Societas Iesu*, Introduzione e traduzione di Ângelo Bianchi, Milano, Rizzoli, 2002, 120-122). Como se sabe, existe uma muito cuidada edição crítica da *Ratio* da autoria de Ladislau Luckács, no quinto volume dos *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu* (Roma, 1986) e, com uma elucidativa introdução a cargo de Adrien DEMOUSTIER e Dominique JULIA, anotada e comentada por Marie-Madeleine COMPÈRE, uma tradução francesa, *Ratio Studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus*, Paris, Belin, 1997. V. ainda Cármen LABRADOR, José Mnez de la ESCALERA, Ambrósio DíEZ ESCANCIANO, *El sistema Educativo de la Compañía de Jesus. La Ratio Studiorum* (ed. de Eusébio Gil), Madrid, 1992.

⁵ Sobretudo exercitando a dimensão alegórica em obras como, para além do *Predestinado Peregrino, Eleyção entre o bem e o mal eterno* (Lisboa, na Officina da Musica, 1720) e *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Allegorico, e moral* (Lisboa, Bernardo da Costa, impressor da Religião de Malta, 1734).

tância que os discípulos de Santo Inácio tiveram em terras de Vera-Cruz, praticamente logo a seguir à partida de Manuel da Nóbrega⁶. Se a evangelização desta terra «sine rege e sine lege» não foi apenas, nos primeiros tempos, conduzida pelos discípulos de Santo Inácio⁷, a «história» contada pelas fontes da Companhia, sobretudo pelas crónicas e pelas cartas, fez do Brasil, entre guerras «justas» e «injustas» ou na relação conflituosa dos colonos com os jesuítas – e às vezes destes com eles mesmos⁸ –, um terreno privilegiado de acção, cujas consequências, como sabemos, permitiram as muitas interpretações que alguns acontecimentos da segunda metade do século XVIII quiseram legitimar. Bartolomeu de Gusmão é um dos muitos jesuítas que, nascidos na metrópole, se dirigiram enquanto crianças para o Brasil e aí acabaram por viver, salvo em breves deslocamentos que normalmente se saldavam por Lisboa ou por Roma⁹. Como se pode verificar na brevíssima biografia resumida em nota, a partir de Barbosa

⁶ Equacionada por uma vastíssima e nem sempre concordante bibliografia. Em todo o caso, sublinho as várias e muito importantes contribuições de Serafim Leite, de cujo conjunto destaco a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa - Rio de Janeiro, Portugal, 1938-1950 (10 vols, a partir do 3º vol. Lisboa, Portugal; Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro); os estudos de Sérgio Buarque de HOLANDA (dir. de), *História Geral da Civilização Brasileira*, S. Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1960; (dir. de) *A Época colonial*, Rio de Janeiro, S. Paulo Difel, Bertrand Brasil, 1985-1989; *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, S. Paulo, 1969; mais recentemente, Jorge COUTO, «Estratégias e métodos de missão dos Jesuítas no Brasil» in *A Companhia de Jesus e a missão no Oriente*. «Actas do colóquio internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria», Lisboa, 2000, 65-83; Paolo BROGIO, *Evangelizzare il mondo. Le missioni della Compagnia di Gesù tra Europa e America (secoli XVI-XVII)*, Roma, 2004.

⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO, «La prima evangelizzazione del Brasile (1500-1550). Gli anni del silenzio» in *Atti L'Europa e l'evangelizzazione del nuovo mondo*, Fondazione Ambrosiana Paolo VI, villa Cagnola, Gazzada (Varese), Itália, 3-10 de settembre, 1992, 213-232. Paolo BROGIO, «Come ángeles de paz». I gesuiti e il contenimento sociale», *Evangelizzare il mondo*, ed. cit., 197-243.

⁸ V., no âmbito de uma ampla documentação, na sua maioria estudada por Serafim Leite, o testemunho de Simão de Vasconcelos na *Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil* (1663). Embora visando um período anterior de quase cem anos, o relato sublinha problemas que se mantinham, com muita acuidade, ao longo do século XVII (v. a introdução de Serafim Leite a Simão de VASCONCELOS, *Crónica da Companhia de Jesus*, Petrópolis-Brasília, 1977, Zulmira C. SANTOS, «Em busca do paraíso perdido: a *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil* de Simão de Vasconcellos, SJ» in *Quando os Frades Faziam História, De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcellos* (dir. de José Adriano de Freitas Carvalho), Porto, 2001, 145-178. Luís A. de Oliveira RAMOS, introdução e notas a Simão de Vasconcelos S.J., *Notícias Curiosas e Necessárias das Cousas do Brasil*, Lisboa, 2001, 9-86.

⁹ Para lembrar apenas duas grandes figuras da Companhia (cada uma a seu modo, obviamente) que, no século XVII, partilharam este destino, citem-se os casos de Simão de Vasconcelos [1597-1671], o autor da ao tempo controversa *Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do novo Mundo* (1663), que saiu do Porto, onde

Machado e Sommervogel, teve um «cursus honorum» comum aqueles que se distinguiram nos estudos e se tornavam professores nos Colégios de que a Companhia dispunha no Brasil. Foi professor de «humanidades» no colégio do Rio de Janeiro, circunstância que, de acordo com o programa da *Ratio Studiorum*, o tornou certamente apto a lidar com os preceitos da Retórica, na medida em que enquanto a segunda e terceira classes de Gramática se ocupavam já da «figurata constructio»¹⁰, as aulas de Humanidades iniciavam o ensino «praeceptorum ad rhetoricam spectantium»¹¹. E, neste contexto, para além dos preceitos técnicos, a familiaridade com temas e textos criava uma competência capaz de explorar os vários recursos argumentativos da linguagem, assinalando à retórica uma certa função instrumental de apuramento dos dotes intelectuais, concretizada nas disputas, nos vários exercícios argumentativos e até nas representações teatrais.¹² Não tinha sido certamente por acaso que o próprio Inácio de Loyola tivesse recordado que entre as coisas úteis para um jovem aluno estavam os «tropos e as figuras do discurso», praticamente antecipando a cláusula da *Ratio* segundo a qual a retórica «nec utilitati solum servit, sed etiam ornatui indulget»¹³.

tinha nascido, ainda criança (desconhece-se a data precisa), em direcção à Baía (Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, tomo III, ed. cit., 724); um outro caso, um pouco mais tardio e muito mais conhecido também, é o do Pde António Vieira [1608-1697] que saiu de Lisboa, com sete anos, acompanhando os pais, tendo como destino a Baía (Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, ed. cit., 416).

¹⁰ *Ratio Atque Institutio Studiorum Societas Iesu* (Introduzione e traduzione di Ângelo Bianchi), Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2002, 288: «Regulae Professoris supremae classis Grammaticae. 1. *Gradus*. Gradus huius scholae est absoluta grammaticae cognitio; ita enim recolit ab initio syntaxim, ut addat omnes appendices; deinde explicet constructionem figuratam, et de arte metrica.»

¹¹ *Ratio Atque Institutio Studiorum Societas Iesu*, ed. cit., 278-280: «Regulae Professoris Humanitatis. 1. *Gradus*. Gradus huius scholae est, postquam ex grammaticis excesserint, praeparare veluti solum eloquentiae, quod tripliciter accidit: cognitione linguae, aliqua eruditione, et brevi informatione praeceptorum ad rhetoricam spectantium.»

¹² *Ratio Atque Institutio Studiorum Societas Iesu*, 128, 16: «*Disputationes menstruae et hebdomadariae*. De menstruis et hebdomadariis disputationibus servanda diligenter curet, quae in regulis professorum theologiae ac philosophiae praescribuntur», *Disputationes quomodo moderandae*, 124, 6. Sobre a função do teatro existe uma ampla bibliografia de que destacamos, pela relação directa com a afirmação acima registada, o estudo de Ferdinando TAVIANI, «Il teatro per i gesuiti: una questione di método», *Alle origini dell'Università dell'Aquila. Cultura, Università, collegi gesuitici all'inizio dell'età moderna in Itália Meridionale* (a cura di Filippo Iappelli S.I. e Ulderico Parente), Roma, Institutum Historicum S.I., 2000, 225-250.

¹³ *Ratio Atque Institutio Studiorum Societas Iesu* ed. cit., 264: «Regulae Professoris Rhetoricae – 1. *Gradus*. Gradus huius scholae non facile certis quibusdam terminis definirit potest; ad perfectam enim eloquentiam informat, quae duas facultates maximas, oratoriam et poeticam comprehendit (ex his autem duabus primae semper partes oratoriae tribuantur), nec utilitati solum servit, sed etiam ornatui indulget.» Para os diferentes momentos de «elaboração» da *Ratio*, da parte IV

Gusmão foi também ministro e depois reitor do prestigiado Colégio da Baía, do Colégio de Santos e mais tarde Provincial. O facto de ter sido mestre de noviços – Diogo Barbosa Machado di-lo autor de um «Noviço Instruído» que terá permanecido manuscrito¹⁴ – contribuiu seguramente para que se tivesse preocupado com a educação de adolescentes, patente em mais do que um dos seus textos, e que parece tê-lo levado à fundação do seminário que chamou «de Belém», em 1687¹⁵.

Quando o Pde Gusmão faz publicar, pela primeira vez, a *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito em a qual debaixo de uma mysteriosa parabola se descreve o sucesso feliz do que se hade salvar e infeliz sorte do que se hade condemnar*, em 1682, tem já cinquenta e três anos e uma longa experiência de docência e direcção espiritual. Esta é, aliás, a segunda, em termos cronológicos, das suas obras impressas. É também a mais editada (Lisboa, Miguel Deslandes, 1682; Évora, na off. da Academia, 1685; Lisboa, Filippe de Sousa Villela, 1724), sempre no mesmo formato de pequeno oitavo, facilmente transportável, como é sabido, e chegou até a ser traduzida para castelhano em 1696 (Barcelona: por Rafael Figuro; 4.º) e 1698 (Lisboa; [s.n.], 12.º). Tida como exemplo de um género que o século XVII português conheceu, mas pouco cultivou, pelo menos em termos de realidade editorial¹⁶ – a «novela alegórica» –,

das *Constitutiones* à versão impressa de 1589 v. I. LUKÁCS, *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*, T. 1, 1540-1556, Roma, 1965; t. 2 e T. 3, 1557-1572, Roma, 1974; t. 4, 1573-1580, Roma, 1981; T. 5, *Ratio atque Institutio Studiorum societatis Iesu (1586, 1591, 1599)*, Roma, 1986; T. 6 e 7 *Collectanea de Ratione Studiorum Societatis Iesu*, Roma, 1992. Dominique JULIA, «L'élaboration de la *Ratio Studiorum* 1548-1599», *Ratio Studiorum, Plan raisonné et institutions des études dans la Compagnie de Jesus* (éd. Bilingue latin-français, présentée par Adrien DEMOUSTIER et Dominique JULIA, traduite par Léone ALBRIEUX et Dolorès PRALON-JULIA, annotée et commentée par Marie-Madeleine COMPÈRE, Paris, Bélin, 1997, 29-43; Anita MANCIA, «La *Ratio Studiorum*: genesi e sviluppo in relazione com alcuni ordinamenti coevi fino al 1599», *Alle origini dell'Università dell' Aquila. Cultura, Università, collegi gesuitici all'inizio dell'età moderna in Itália Meridionale*, ed. cit. 129-147.

¹⁴ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., 97.

¹⁵ Mário MARTINS, «História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito», *Brotéria*, vol. 78 (1964), 697-708.

¹⁶ De resto, a obra do Pde Gusmão parece ser o único exemplar conhecido do género, no século XVII, na medida em que outras novelas, mais ou menos contemporâneas, como as do presbítero Mateus Ribeiro *Alívio de Tristes, e consolação de queixosos* (1672), *Retiro de cuidados*, (1681), *Roda da fortuna*, (1692) não devem, salvo melhor opinião, qualificar-se de «alegóricas». Se tivermos como critério o recurso à «alegoria continuada» como principal factor diegético, as outras novelas que podem integrar este filão foram editadas em pleno século XVIII: o *Compêndio Narrativo do Peregrino na América* (1728) de Nuno Marques Pereira [1652? - 1733?]; a *Preciosa* (1731) e *Enganos do Bosque, Desenganos do Rio* (1741) de Soror Maria do Céu [1658-1752?]; o *Reino da Babilónia* (1749) de Soror Madalena da Glória [1672-1759?]; (M. Lucília Gonçalves PIRES e José Adriano de CARVALHO, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, ed. cit., 342-343).

não deixa de ser curioso mas compreensível, que no interior do texto, o Pde Gusmão retome a conhecida argumentação contra os perigos espirituais das novelas, afirmando que, no percurso da perfeição, só têm lugar «livros sagrados, devotos e honestos e nem hum so livro de comedias ou novelas se deve achar ali»¹⁷. De facto, os autores de matéria espiritual, mesmo quando escolhiam um registo discursivo tributário da narrativa de ficção, evitavam, quase fugiam, da palavra «novela», conotada com o campo dos perigos espirituais e da falta de verosimilhança¹⁸. A quase totalidade das obras que hoje assim designamos, numa clara

¹⁷ *Historia do Predestinado Peregrino*, ed. cit., 74. Citei sempre a partir da edição de Évora de 1685.

¹⁸ Os sinais de tal preocupação manifestaram-se, como uma ampla bibliografia já equacionou, ao longo dos séculos XVI e XVII (v. para os livros de cavalaria o elenco de estudos publicado em Daniel EISENBERG e M^a Cármen MARÍN PINA, *Bibliografía de los libros de caballerias castellanos*, Zaragoza, Prensas universitarias de Zaragoza, 2000; Isabel ALMEIDA, *Livros portugueses de cavalarias do Renascimento ao Maneirismo*, Lisboa, dissert. de doutoramento pol., 1998). Em datas próximas da *Historia do Predestinado Peregrino*, podem rastrear-se as convicções de Pierre-Daniel Huet, no tratado, quase contemporâneo desta obra do Pde Gusmão, intitulado *Lettre-traité sur l'origine des romans* (Paris, 1670) que este segundo preceptor do Delfim (ao lado de Bossuet) redigiu para a edição da *Zaïde*, procurando legitimar a ficção narrativa em prosa «Ainsi le divertissement du lecteur, que le romancier habile semble se proposer pour but n'est q'une fin subordonnée à la principale, qui est l'instruction de l'esprit et la correction des moeurs» (P. D. HUET, *Lettre-traité sur l'origine des romans*, Paris, Droz, 115 (v. Laurence PLAZENET, «L'impulsion érudite du renouveau romanesque», *Du roman courtois au roman baroque* (sous la direction de Emmanuel Bury et Francine Mora), Paris, Les Belles Lettres, 2004, 35-63. No prólogo da edição de 1734 do *Alivio de Tristes*, Mateus Ribeiro retoma essas considerações, escudando-se na posição de Huet, para contrariar aqueles que «condenam a hum Ecclesiastico côpor Novelas», pois que «O eruditíssimo Pedro Daniel Huet Bispo de Abranches, e segundo Mestre do Delphim escreveu em Latim, e em Francês hum doutíssimo Tratado da origem, e bom uso das Novelas, e quando estas são como devem ser exemplares pouco importa, que hum Ecclesiastico debaixo de huma ficção engenhosa mostre o premio, e estimação da virtude, o castigo, e abominação do vício.» (Mateus RIBEIRO, *Alivio de Tristes*, Lisboa Occidental, na Officina Ferreiriana, 1734, «Prologo»); em todo o caso as justificações alegadas não parecem ter convencido o abade de Sever que, na sua *Biblioteca Lusitana*, entendeu que a erudição de Mateus Ribeiro teria sido empregada «compondo mais para divertimento de ociosos, que instrução de sábios» (D. Barbosa MACHADO *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit. 450). Quando, nos anos finais do século XVII, mais precisamente 1684 e 1696, o prólogo anónimo das *Novelas Exemplares* (1686) de Gaspar Pires Rebelo e o «Parecer» (1696) de Frei João dos Prazeres ao *Serão Político* de Frei Lucas de Santa Catarina (1704), sublinham a capacidade desta tipologia narrativa para, nas palavras do censor, «entre o saboroso da ficção», introduzir «o amargoso da verdade», acentuando o carácter «exemplar», «porque doutrinal o fim a que as termina seu autor», a questão, embora sob designação diversa, não se afasta dos parâmetros essenciais, remetendo para um mesmo património de referências: quando usada, a designação «novela» precisa quase sempre de escorar-se numa argumentação que evidencie a «utilitas», mesmo que o alegado carácter edificante nem sempre ocorra. No entanto, o problema parece adquirir contornos mais problemáticos quando, no caso do Pde Gusmão ou no de Nuno M. Pereira, se trata alegadamente de «matéria espiritual» que não parece compadecer-se com a designação (M. Lucília Gonçalves PIRES, «Acerca duma novela barroca. 'Os Irmãos Penitentes' de Frei Lucas de Santa Catarina», *Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca*, Lisboa, 1996, 147-158).

traição ao espírito e à letra da época, prefere ser apelidada de «história», ou até de «livro», na tradição de uma nomenclatura, oscilante, sem dúvida, que fez o seu caminho essencialmente no século XVI¹⁹.

Alexandre de Gusmão intitula «historia» a sua obra, acentuando, no título, que se trata de uma «parábola», à imitação do estilo de Cristo, e que tal escolha se justifica pela necessidade de «mover a curiosidade do Leytor», comportando, portanto, uma assumida dimensão utilitária. Alguns anos mais tarde, tendo como horizonte a mesma realidade que o Pde Gusmão tão bem conhecia – o Brasil –, Nuno Marques Pereira justificará a opção por um estilo «em parte parabólico» com o «exemplo de muitos autores espirituais que usaram desta frase e género de escrever; e o mesmo Cristo Senhor nosso, tratando sólida doutrina com os homens, para melhor os persuadir o praticou; e ainda hoje, com maior razão nos tempos presentes, para convencer ao gosto dos tediosos de lerem e ouvirem ler os livros espirituais, são necessários todos estes acepipes e viandas».²⁰

Em todo o caso, e apesar da muita discussão que o conceito de alegoria continua a suscitar, a obra de Gusmão pode ser hoje classificada como uma «novela», entendendo por tal um texto de ficção narrativa em prosa, neste caso de evidentes características alegóricas, no sentido em que, nas *Institutiones Rethoricae* de Quintiliano, se entende a alegoria como metáfora continuada: «Allegoria, quam inuersionem interpretantur, aut aliud verbis, aliud seusu ostendit, aut etiam interim contrarium. [...] Prius fit genus plerumque continuatis tralationibus [...]»²¹ «[...] quem ad modum ' facit continua μ [...]»²². De resto, tanto o tema maior – a peregrinação – como o processo – a

¹⁹ Victor INFANTES, «Tipologias de la enunciación literaria en la prosa aurea. Seis títulos (y algunos más) en busca de un género: obra, libro, tratado, crónica, historia, cuento, etc.», I, *Studia Aurea, Actas del III Congreso de AISO* (Toulouse, 1993), ed. de Ignacio Arellano, María del Carmen Pinillos, Frédéric Serralta y Marc Vise, Pamplona, 1996, vol. III, 265-272; II, Actas del XII Congreso de la AIG, ed de Derek w. Flitter, Birmingham, 1998, vol. II, I, 310-318; III, *Actas del IV Congreso Internacional de AISO*, ed. Maria da Cruz de Enterría, Alcalá de Henares, 1998, 845-855; IV, *Actas del XIII Congreso de la AIH*, eds. Floréncio Sevilla y Carlos Alvar, Madrid, 2000, vol. III, 641-694; V, *Actas del V Congreso de la Asociación Internacional Siglo de Oro*, Münster, 1999, 729-736. V. ainda do mesmo autor, «Nominar las caballerías» in *Letteratura Cavalleresca tra Itália e Spagna (Da «Orlando? Al «Quijote»)*, *Literatura caballeresca entre España e Itália (Del «Orlando» al «Quijote*, (dir. por Javier GÓMEZ-MONTERO e Bernhard KÖNIG, ed. al cuidado de Folke GERNERT), Salamanca, 2004, 35-51.

²⁰ Nuno Marques PEREIRA, *Compendio Narrativo do Peregrino na América*, Lisboa, 1728, «Ao Leitor» (cito pela 6ª edição, completada com a 2ª parte, até agora inédita, acompanhada de notas e estudos de Varnhagen, Leite de Vasconcelos, Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmón, 2 vol., Rio de Janeiro, 1939).

²¹ QUINTILIANO, *Institution Oratoire* (Texte établi et traduit par Jean Cousin), Paris, 1978, Tomo V, Livre VIII, 6, 44.

²² QUINTILIANO, *Institution Oratoire*, ed. cit., Tomo V, Livre IX, 2, 46.

alegoria – devem muito à produção anterior. Se a viagem como peregrinação, simbólica ou não, estrutura muitas das obras que percorrem a Idade Média e da novela grega se estende pela bizantina, basta pensar na difusão que Heliodoro e Aquiles Tácio alcançaram por toda a Europa, no século XVI²³, o recurso à alegoria ou aos processos alegóricos era também comum. Nas primeiras décadas do século XVII, em Portugal, para nos reportarmos, um pouco artificialmente, apenas ao contexto nacional – que, ao tempo, era não só culturalmente «ibérico», como o havia sido ao longo de quase todo o século XVI, mas era-o também do ponto de vista político, em termos de monarquia «dual» –, os livros de pastores, mais exactamente entre 1601 e 1626, recorreram simultaneamente ao tema e ao recurso retórico. Da *Primavera* (1601) de Francisco Rodrigues Lobo a *Os Campos Eliseos* (1626) de João Nunes de Vasconcelos, a viagem, umas vezes no sentido de uma espécie de deambulação espiritual, outras como desterro, contribuía para a organização deste modelo narrativo²⁴. O mesmo ocorre, pelo que se prende com o uso da alegoria ou de processos alegóricos, nas variadíssimas tipologias discursivas que, prolongando filões que a Idade Média tinha desenvolvido, atravessaram os séculos XVI e XVII²⁵, passando até pela provável matriz alegórica dos «Exercícios Espirituais», como marca impressiva da leitura de *El Pelegrino de la vida humana* (Toulouse, 1490) por Inácio de Loyola²⁶. Não pretendo, aqui, tocar esse vastíssimo campo ou sequer respigar a não menos ampla bibliografia que o tem vindo a estudar. Nem sequer, tampouco, aludir às formas de divinização dos textos²⁷, de que pode ser exemplo a *Peregrinación*

²³ Javier GONZÁLEZ ROVIRA, *La novela bizantina de la edad de oro*, Madrid, 1996.

²⁴ Maria Lucília Gonçalves PIRES e José Adriano de Freitas CARVALHO, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Tomo III, «Maneirismo e Barroco», 339-385; Marta Teixeira ANACLETO, *Aspectos da recepção de «Los siete libros de la Diana» em França*, Coimbra, 1994; Roberto MULINACCI, *Do palimpsesto ao texto. A novela pastoril portuguesa*, Lisboa, 1999; Maria Lucília Gonçalves PIRES, int. a Francisco Rodrigues Lobo, *A Primavera*, Lisboa, 2003, 26-27; Paulo J. Silva PEREIRA, *Metamorfoses do espelho. O estatuto do protagonista e a lógica da representação ficcional na trilogia de Rodrigues Lobo*, Lisboa, 2003.

²⁵ António VILANOVA «El Pelegrino andante en el *Persiles* de Cervantes» in *Erasmus y Cervantes*, Barcelona, 1989, 326-409; S. CHEW, *The Pilgrimage of Life*, New Haven, 1962; Emilia DEFFIS DE CALVO, *Viajeros, peregrinos y enamorados: la novela española de peregrinación del siglo XVII*, Pamplona, 1999.

²⁶ Georg EICKHOFF, «Claravall, Digulleville, Loyola: la alegoria caballeresca de *El Pelegrino de la vida humana* en los novicios monástico e jesuítico» in *Ignacio de Loyola y su tiempo*, Congreso Internacional de Historia, (ed. Juan Plazaola), Bilbao, 1991, 869-881.

²⁷ V., para o contexto espanhol da poesia lírica do «século de ouro», o vasto elenco de Francisco Javier SÁNCHEZ MARTÍNEZ, *Historia y Crítica de la Poesía lírica culta «a lo divino» en la España del siglo de oro* (5 tomos, Alicante, 1995) e a introdução que antecede o tomo I, «Técnicas de Divinización de textos líricos y otros fundamentos teóricos».

de la vida del hombre de Pedro Hernández de Villaubrales²⁸, na exploração da tensão entre o sagrado e o profano, ou até ao facto de, quase na mesma altura de Gusmão, R. Bunyan ter publicado o conhecido *Pilgrim's Progress*²⁹. Importa sim, sublinhar, neste contexto preciso, ainda que de uma maneira necessariamente breve, a forma como a *Historia do Predestinado Peregrino* pode ser encarada como a conjugação de uma constelação de temas e desenvolvimentos reveladores dos valores, práticas educativas e princípios fundamentais de um jesuíta português de finais do século XVII, em terras do Brasil.

A tipologia discursiva seleccionada, a ficção narrativa em prosa, de matriz alegórica, revelar-se-ia apta para conciliar *prodesse ac delectare*, potenciando a intervenção numa ambiência eriçada de perigos espirituais, a de terras de Vera-Cruz, que o já referido Nuno Marques Pereira definirá como local onde «está introduzida esta quase geral ruína de feitiçarias e calundus nos escravos e gente vagabunda neste estado do Brasil, além de outros muitos e grandes pecados e superstições de abusos tão dissimulados dos que têm obrigação de os castigar, motivo por que o demónio, mestre da mentira e ciência mágica, se tem introduzido, com perda de tantas almas remidas pelo precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo [...]»³⁰.

A preocupação com as necessidades de evangelização, que a «dedicatória» a S. Francisco Xavier, o «Apóstolo do Oriente», traduz, dissemina-se pelo texto, cruzando algumas vezes o tempo da «história» e o tempo do «autor»: quando, no capítulo VIII, Predestinado foi visitar os chafarizes de Nazaré, «foi apresentado diante de huma virgem mui formosa sem macula [...] a qual se chama Igreja Catholica»³¹. Extasiado pelas maravilhas proporcionadas pelo primeiro dos chafarizes, o Baptismo, Predestinado revela a sua preocupação por quantos por «estas brenhas de Ásia, da Africa, da América ignoram esta fonte e perecem de sede [...]», ostentando, deste modo, a sempre presente vontade de evangelizar³².

²⁸ Pedro HERNÁNDEZ de VILLAUMBRALES, *Peregrinación de la vida del hombre*. Novela alegórica del siglo XVI., ed. de H. Salvador Martinez, Madrid, 1986.

²⁹ John BUNYAN, *The Pilgrim's Progress from this world to that which is to come : delivered under the similitude of a dream wherein is discovered the manner of his setting out , his dangerous journey, and safe arrival at the desired country*, London, N. Ponder, 1678.

³⁰ Nuno Marques PEREIRA, *Compendio Narrativo do Peregrino na América*, ed. cit., «Ao Leitor».

³¹ *Historia do Predestinado Peregrino*, 94.

³² *Historia do Predestinado Peregrino*, 98.

1. Emblemas, memória e esquecimento

A *Historia do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito* procura descrever «debaixo de uma misteriosa parábola», «o sucesso feliz do que se há de salvar, e a infeliz sorte do que se há de condenar». Dedicada a S. Francisco Xavier, como apóstolo do Oriente, figura que grande parte das obras produzidas no Brasil considera um modelo a imitar, na capacidade evangelizadora e na resistência heróica³³, apresenta-se dividida em seis partes, na tentativa de manter e reproduzir o número que corresponde às cidades por onde se desloca cada uma das personagens: seis para Predestinado – Belém, Nazaré, Bethania, Cafarnaum, Bethel e, finalmente, Jerusalém; seis para Precito: Bethaven (casa da vaidade), Samaria (reino do vício), Bethorón (casa da liberdade), Éden (casa das delícias), Babel (confusão) e Babilónia³⁴. Parece evidente a divisão entre um caminho que percorre os trilhos do Velho Testamento, o de Precito, e aquele que segue, por assim dizer, as pegadas de Cristo, o de Predestinado. E, para que a equivalência simbólica entre os dois caminhos ressalte, enquanto em Bethaven, onde chegou pelo «vale florido» da «Ocasião», Precito encontra «Engano», casado com a «Mentira»³⁵, sua irmã, Predestinado chega a Belém, «cidade onde nasceo todo o nosso bem» e onde encontrou, em oposição clara ao irmão, o «Palácio do Desengano»³⁶. E, em seguida, para Precito, surge Samaria, «terra toda de idolatria e pecadores», governada pelo «Vício» e por sua mulher «Profanidade»³⁷. Para Predestinado, a etapa posterior, Nazaré, na esteira de Cristo que «de Bellem, onde nascera, se foi logo morar a Nazareth, na qual viveo muitos annos, que veio a ser chamado Nazareno»³⁸, permite o encontro com o «Culto Divino» e a «Religião». E, enquanto na terceira cidade do percurso, Betânia, Predestinado pratica a «Obediência dos Divinos Preceitos»³⁹, para Precito, o próximo destino é Bethoron que, como domínio da liberdade, era governada por «Apetite» e sua mulher «Fantasia»⁴⁰. Precito encontra, depois, Éden, dirigida por «Regalo»

³³ Como se verifica, por exemplo, na citada *Chronica* (1663) de Simão de Vasconcelos. V. Zulmira C. SANTOS, «Em busca do paraíso perdido: a *Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil* de Simão de Vasconcellos, SJ» in *Quando os frades faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcellos* (dir. de José Adriano de Freitas Carvalho), ed. cit., 145-178.

³⁴ Agradeço ao Professor Doutor Manuel Augusto Rodrigues a gentileza da indicação das raízes hebraicas de todos estes vocábulos.

³⁵ *Historia do Predestinado Peregrino*, 13-15.

³⁶ *Historia do Predestinado Peregrino*, 16-30.

³⁷ *Historia do Predestinado Peregrino*, 59-60.

³⁸ *Historia do Predestinado Peregrino*, 63.

³⁹ *Historia do Predestinado Peregrino*, 122-123.

⁴⁰ *Historia do Predestinado Peregrino*, 118.

e «Delícia»⁴¹, e em Cafarnaum, estadia seguinte, «cidade tam frequentada do Senhor, que lhe vieram a chamar pátria, & cidade de Christo»⁴², Predestinado faz penitência «porque sem penitencia não podia salvarse, o que huma vez pecou»⁴³. A Bethel, a quinta cidade do percurso, casa de Deus, opõe-se Babel, terra da confusão, governada pelo «Pecado» e pela «Maldade»⁴⁴. E, finalmente, para Precito, eis Babilónia, a cidade onde «de dia, & de noite estão suas portas patentes & abertas para entrar, fechadas para sahir»⁴⁵, e os tormentos eternos, por não ter sabido caminhar pelo «desengano»; para Predestinado, Jerusalém, a cidade «de ouro puríssimo tam resplandecente, & diáfano, como o mesmo vidro, & as ruas todas da cidade calçadas de ouro fino, & mais resplandecente, que o cristal»⁴⁶.

O texto faz da salvação e da condenação, na sequência de uma larguíssima tradição, um caminho especular, pautado pelas paragens em cidades simbolizando o Velho e o Novo Testamento. Na senda constituída por Belém, Nazaré, Betânia, Cafarnaum, Bethel e Jerusalém, Bethel parece ser a única das cidades que em si comporta sobretudo ressonâncias vetotestamentárias, num quadro em que a passagem para a vida eterna se processa pisando o trilho de Jesus Cristo, «seguindo o caminho dos conselhos, que aquele grão Cosmógrafo Evangelho algum tempo lhe [a Predestinado] havia inculcado»⁴⁷. Provavelmente, para que a coesão e também alguma coerência textuais não fossem postas em causa, ameaçando a consistência e a verosimilhança das escolhas feitas, Alexandre de Gusmão explica que Bethel tinha sido o lugar da «escada de Jacob», «aquela misteriosa escada, em que se estribava o mesmo Deos, & pella qual sobiam, & desciam os anjos do Ceo, com o qual mistério ficou Bethel já de então consagrada por mística cidade de perfeição [...]»⁴⁸. De resto, Bethel, etimologicamente a «cidade de Deus», é o lugar das três vias – purgativa, iluminativa e unitiva – onde só é possível chegar depois de ter conhecido o «Desengano» em Belém, onde Cristo nasceu no seio da pobreza, a piedade e a devoção em Nazaré, a obediência em Betânia, a penitência em Cafarnaum.

Não vou demorar-me no percurso que este esquema narrativo procura fixar nos seus momentos essenciais, numa espécie de «geografia» da salvação

⁴¹ *Historia do Predestinado Peregrino*, 186.

⁴² *Historia do Predestinado Peregrino*, 194.

⁴³ *Historia do Predestinado Peregrino*, 193.

⁴⁴ *Historia do Predestinado Peregrino*, 244-245.

⁴⁵ *Historia do Predestinado Peregrino*, 313.

⁴⁶ *Historia do Predestinado Peregrino*, 311.

⁴⁷ *Historia do Predestinado Peregrino*, 248.

⁴⁸ *Historia do Predestinado Peregrino*, 253.

e da condenação. Sublinharei, contudo, que a descrição do itinerário percorrido por Predestinado não tem qualquer comparação, no quadro do espaço discursivo, com as referências às cidades por onde passa Precito. O caminho de Predestinado é um caminho discursivamente lento, preso a pormenores, atento às descrições, explorando um leque de potencialidades que a referência directa aos «emblemas» de Alciato⁴⁹ e «hieróglifos» de Pierio⁵⁰ deixa perceber nos seus vários matizes: quando no palácio dos governadores de Bethania, «Observação» e «Observância», Predestinado depara com a «Obediência», pede-lhe que «diga» seu nascimento e condição, explicando o segredo de tantos «affeites», porque lhe parecia «hum emblema de Alciato, ou hum Jeroglífico de Pierio?»⁵¹.

Se bem que Alexandre de Gusmão se limite a invocar, neste momento particular, um conjunto de saberes tributários da emblemática em geral, o continuado uso desta técnica contamina de tal modo a obra que pode afirmar-se, sem grande reserva, que o seu fundamental carácter alegórico lhe advém do persistente recurso à explicação pormenorizada de pequenos quadros, formados sobretudo por «figuras», acolhendo gostos e conhecimentos em áreas dependentes do complexo e afortunado filão constituído por emblemas, hieróglifos e empresas. Tal opção não se reveste de qualquer singularidade, se enquadrada no apreço que a Companhia votou à Emblemática⁵² e no peso e importância

⁴⁹ Alusão óbvia à difundida obra de Andrea Alciato (*editio princeps de Emblematum Liber*, 1531) que, entre edições, ampliações e traduções, parece ter contado mais de 150. Ver H. GREEN, *A. Alciati and his Books of Emblems. A biographical and bibliographical Study*, London, 1872 e P. E. VIARD, *André Alciat (1492-1550)*, Paris, 1926.

⁵⁰ Referência à conhecida obra de Pierio VALERIANO, *Hieroglyphica, sive De sacris Aegyptiorum, aliarumque gentium literis commentarii Joannis Pierii Valeriani a Caelio augustino Curione duibus libris aucti & multis imaginibus illustrati*, Basilea, per Thomam Guarinum, 1575.

⁵¹ *Historia do Predestinado Peregrino*, 135: «Muito se admirou Predestinado de ver hum formosa, & venerável Senhora, com Rendimento de Juízo, Sojeição de vontade, seus filhos de Obediência mui prezados, lhe disse, por vossa vida vos rogo, ó Virgem Santa, que me digais vosso nascimento, & condiçam, & me expliqueis os segredos de tantos affeites, porque me pareceis hum emblema de Alciato, ou hum hieroglífico de Pierio?».

⁵² Ver os «repertórios» de Peter M. DALY, Richard DIMLER, S.J., *The Jesuit Series*, Part One (A-D), *Corpus Librorum Emblematum*, Montreal, 1997; Part 2. (D-E); *Corpus Librorum Emblematum*, Toronto, 2000; Part. III (F-L), Toronto, 2002. Como prova da enorme difusão deste filão: Richard G. DIMLER (S. J.), “A Bibliographical Survey of Jesuit Emblem Authors in German-speaking Territories: Topography and Themes”, *Archivum Societatis Iesu*, 45 (1976), 129-138; “Jesuit Emblem Books in the Belgian Provinces of the Society (1587-1710): Topography and Themes”, *Archivum Societatis Iesu*, 46 (1977), 377-387; “A Bibliographical Survey of Emblem Books produced by Jesuit Colleges in the Early Society: Topography and Themes”, *Archivum Historicum Societatis Iesu*, 47 (1978), 240-250; “A Bibliographical Survey of Jesuit Emblem Authors in French Provinces of the Society of Jesus (1618-1726): Topography and Themes”, *Archivum Historicum Societatis Iesu*, XLVIII (1978), 240-250. “A Bibliographical Survey of Emblem Books

que os jesuítas concederam aos «libri figurati» no quadro do respectivo sistema do docente⁵³. Para além da exploração à saciedade do preceito horaciano *ut pictura poesis* e descontando algum exagero, proveniente do uso de técnicas e saberes obviamente diferenciados, e de cronologias distantes, quase poderia dizer-se que, do ponto de vista dos objectivos de persuasão, Gusmão investe no mesmo terreno da *Evangelicae Historiae Imagines* (Antuerpiae, 1593) de Jerónimo Nadal ou das obras de Alonso de Ledesma, para citar apenas exemplos – diversos –, mas reconhecidos e consagrados, de finais do século XVI, que privilegiaram não tanto as virtualidades pedagógicas da emblemática *stricto sensu*, mas sim de uma literatura «emblemática», para usar a feliz expressão de Aurora Egido⁵⁴. Na ausência das imagens, *A Historia do Predestinado Peregrino* recorre a fórmulas que, analisadas *per se*, se revelam de simples compreensão, pois que a descrição pormenorizada facilita a «memória» pelo recurso a «loci» e «imagines».

O caminho de Precito não merece, assim, grandes detalhes: no início, para que a acção revele uma coerência que importa manter face ao caminho de Predestinado, o autor proporciona uma caracterização que funciona em constante oposição. Enquanto Predestinado é casado com uma santa e honesta Virgem chamada Razão, Precito desposou Própria Vontade. Sairam ambos do Egipto, ao mesmo tempo, e caminharam por uma entrada «cheia de mil despenhadeiros, por huma espessa mata de huns arvoredos, enfadonhos de passar, a que chamam Embaraços da vida, & ainda que a Precito lhe pareceo o caminho breve, a Predestinado lhe pareceo mui prolongado.»⁵⁵. Acabaram por separar-se, praticamente no início da caminhada, porque Predestinado se afasta do Vale da Ocasão, «que ainda que á vista parecia deleitoso, era porem de ruins ares, &

produced by Jesuit Colleges in the Early Society”, *Archivum Historicum Societatis Iesu*, 48 (1979), 297-309; “Short Title Listing of Jesuit Emblem Books”, *Emblematica*, 2 (1987), 139-187. A. BERNAT VISTARINI, “La emblematica de los jesuitas en España: los libros de Lorenzo Ortiz y Francisco Goran” in *Emblemata Aurea* (ed. de Rafael Zafía y José Javier Arouza), Madrid, 2000.

⁵³ Ver os ainda fundamentais estudos de Mário PRAZ, *Studi sul Concettismo*, Firenze, 1946, esp. 221-235 e 243-254; e ainda *Studies in Seventeenth-Century Imagery*, Roma, 1964, Luísa Maria DOGLIO, int. a Emanuele Tesauro, *Idee delle Perfette Imprese*, Firenze, 1975, 5-27; F. RODRIGUEZ de la FLOR. “San Ignacio de Loyola y Jeronimo Nadal. La teoria de la vision” y “La compañía de Jesús: imágenes y memoria” in *Teatro de la Memoria. Siete ensayos sobre mnemotecnia española de los siglos XVII y XVIII*, Salamanca, 1996, 83-93; 111-122. *Literatura Emblemática Hispánica. Actas do I Simpósio Internacional* (ed. de Sagráio LÓPEZ POZA), La Coruña, Universidad, 1996 e, de entre uma vastíssima bibliografia, o muito útil e estimulante conjunto de estudos de Aurora EGIDO, *De la Mano de Artemia. Literatura, Emblemática, Mnemotecnia y Arte en el Siglo de Oro*, Barcelona, 2004.

⁵⁴ Aurora EGIDO, «Fronteras entre emblemática y literatura» in *De la Mano de Artemia*, ed. cit., 25-50.

⁵⁵ *Historia do Predestinado Peregrino*, 9-10.

peor clima», preferindo um outeiro difícil de subir, enquanto Precito escolheu o vale florido, entrando por ele em Bethaven, a casa da Vaidade. A partir daqui os seus caminhos divergiram e a narrativa acompanha a par e passo os avanços lentos de Predestinado, no caminho para Jerusalém, limitando-se a aludir brevemente aos diferentes lugares em que Precito se detém: «Apartarãose aqui os dous irmãos, para nunca mais se verem juntos. Caminhou Precito alegremente pello florido Valle da Occasião com sua depravada família. A poucos passos descobriu povoação, com que muito se alegrou, cuidando estaria já às portas da Babilónia, & vinha a ser a infame cidade de Bethaven que quer dizer casa da Vaidade, que ainda que à vista parecia sumptuosa, era por dentro vasia, ou de mãos vizinhos»⁵⁶.

A fórmula discursiva seleccionada pelo Pde Gusmão continha óbvias potencialidades pedagógicas: valia certamente a pena analisar em detalhe o percurso de Predestinado até Jerusalém; mas era também conveniente omitir as inúmeras possibilidades de pecado que se abriam a Precito, isto é, importava, em termos de público, divulgar as formas de salvação, sendo seguramente mais avisado, no quadro de uma pedagogia activa, ignorar e não dar a conhecer as diversas maneiras de pecar que levavam a Babilónia. Por outro lado, a continuada metáfora em que consistia o percurso de Predestinado, investia na surpresa, na captação da atenção, procurando que através do «delectare» se chegasse ao «prodesse» que configurava a «utilitas» do texto. A técnica que dependia da emblemática e saberes afins facultava uma imensa panóplia de alegorias ou recursos alegóricos que o Pde Gusmão teria certamente conhecido nos muitos textos dessa natureza produzidos pelos jesuítas e presentes nas suas bibliotecas.

Deste ponto de vista, e tendo em conta as múltiplas relações que o «género» que hoje denominamos «novela alegórica» mantinha com o filão «emblemático» – de que a produção «gracianesca» parece constituir um paradigma –, esta tipologia textual podia revelar-se uma técnica eficaz de persuasão, cujas vocação e potencialidades doutrinárias o século XVII não ignorou. Aliás, a centralidade do engenho na estética barroca, consistindo em tornar próximas coisas distintas, provocava simultaneamente um aumento de conhecimento e o prazer derivado da surpresa. Quando o autor, criando a metáfora, identificava um conceito com outro à primeira vista inconciliável, iniciava um duplo processo de esconder e desvelar que convidava o destinatário a participar da felici-

⁵⁶ *Historia do Predestinado Peregrino*, 15.

dade inventiva do emissor, experimentando um prazer decifratório⁵⁷. No fundo, o jogo do Ser/Parecer, a prevalência do *trompe l'oeil*; o movimento contínuo de velar/desvelar que caracteriza a estética barroca. No *Cannochiale Aristotelico* (1654), o também algum tempo jesuíta Emanuele Tesauro distinguia dois tipos de estilo: o «esquisito» e o «concertativo», o primeiro destinado às classes cultas e por isso, alusivo, frequentemente quase críptico, elitista, porque adequado «alle udienze di pochi ingegnosi, come sono le academie o consistori», o outro para a «plebe», «corpo mostroozo senza giudizio» que vê as coisas «debolmente e come di lontano»⁵⁸. Neste caso, o «engenho» preservava os círculos da distinção, distanciando-se do óbvio, ao mesmo tempo que tendia para um certo «obscuramento» da mensagem e consequente hermetismo, na senda do gosto barroco, na expressão de A. Battistini, «per tutto ciò che risulta irregolare e capriccioso, enigmatico o inatteso»⁵⁹.

No caso particular da *Historia do Predestinado Peregrino*, Gusmão optou por um estilo relativamente simples, em que a continuidade de sentido não se perde e as entidades alegóricas facilmente se entendem, o que permite supor e talvez concluir que a *utilitas* não se compadecia com eventuais falhas ou confusões em termos de percepção, sobretudo se a comparação for estabelecida com novelas alegóricas posteriores, de difícil decifração e leitura, porque também de objectivos e contextos diferentes, como, para citar apenas um caso, *A Preciosa* (1731) de Soror Maria do Céu. Para o jesuíta, dono de uma pedagogia pragmática, preocupada com objectivos educativos que, de resto, plasmam toda a sua produção «literária», o *delectare* não parece presidir ao *prodesse*, encontrando-se antes ao seu serviço. Assim se entende a preocupação em recorrer a estratégias propiciadoras da «memória», como formas privilegiadas da persuasão, na medida em que aquilo que permanece e se recorda em cada momento podia impedir, nas circunstâncias em causa, que o fiel se afastasse do caminho da salvação, seguindo pela senda do pecado. Verdadeiramente, as entidades alegóricas cumpriam a sua função de «auxiliares» da memória, preenchendo uma relevante

⁵⁷Aníbal Pinto de CASTRO, *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, 1973, 143-227; «Os códigos poéticos em Portugal do Renascimento ao Barroco. Seus fundamentos. Seus conteúdos. Sua evolução» in *Revista da Universidade de Coimbra*, 31, (1985), 505-531; «La teoria poetica italiana e la formazione dei codici letterari del Barocco portoghese» in *Italienisch-europaisch Kulturbeziehungen in Zeitalter des Barock*, Stauffenburg Verlag, 1991, 317-329.

⁵⁸Emmanuele TESAURO, *Il giudizio. Discorso academico in Trattatisti e narratori del Seicento* (a cura di Ezio Raimondi), Milano-Napoli, Ricciardi, 1960, 13.. Ver sobre esta questão Andrea BATTISTINI, *Il Barocco*. Cultura, Miti, Immagini, III, «La spiritualità della Riforma Cattolica», Roma, 2000, 36-50.

⁵⁹Andrea BATTISTINI, *Il Barocco*, ed. cit., 39.

dimensão pedagógica, num livrinho que, embora não contivesse imagens – tornando-se presumivelmente de circulação mais alargada, porque também mais barato – não deixava de aproveitar de um filão prestigiado, a emblemática, ou mais rigorosamente, de um conjunto de fórmulas e processos dela dependentes, elaborado num local, o Brasil, embora editado em Lisboa, onde a evangelização continuava a ser, para a Companhia, uma tarefa necessária e urgente.

2.« [...] será este livrinho hum roteiro de vida»⁶⁰

E, no entanto, na *Historia do Predestinado Peregrino*, a memória não se revela apenas um meio pedagógico, no sentido em que o recurso à alegoria ou às entidades alegóricas potencia a capacidade de fixar as marcas do caminho da perfeição, mas é também a característica fundamental do itinerário que conduz a Jerusalém. Para lá chegar, Alexandre de Gusmão empenha-se em sublinhar que o cristão deve recordar, em todos os momentos da sua vida, que o mundo é um teatro⁶¹, a grandeza uma sombra: «jamais lhe podia sair da memoria este pensamento: Deus tinha escolhido a pobreza e a humildade». Só «o eterno [é] o verdadeiro e todo o temporal engano»⁶².

Como se percebe, através deste brevíssimo elenco, a *Historia do Predestinado Peregrino* retoma uma panóplia de temas de reconhecidas ressonâncias ao longo de todo o século XVII. Não surpreende, assim, que, neste particular cenário, o «Desengano» assuma o papel principal como meio de distinguir a verdade da mentira, o efémero do perene, no limite, o bem do mal, a salvação da condenação. Lembrar, pelo desengano, «que as delícias» se tornam «amargas», a «formosura enganosa», «o valor caduco», «a nobreza vã, a opinião vaidade»⁶³ constitui o objectivo fundamental que a memória deve estar apta a proporcionar.

Se considerarmos, em particular, o caminho espiritual que leva a Jerusalém, isto é, as diferentes etapas da viagem de Predestinado, encontraremos um conjunto de temas que, lidos em contexto, revelam, por um lado, as traves mestras do pensamento religioso e espiritual deste elemento da Companhia que era o Pde Alexandre de Gusmão e, por outro, permitem avaliar a que ideias ou princípios concedia maior relevo no quadro de um programa educativo. A *Historia do Predestinado Peregrino e de seu Irmão Precito* comporta assim orientações sobre a educação dos filhos e obrigações destes para com os pais e vice-versa, na sequência de uma vasta literatura que, como já demonstrou M. de

⁶⁰ *Historia do Predestinado Peregrino*, «Prologo ao Leytor».

⁶¹ *Historia do Predestinado Peregrino*, 53.

⁶² *Historia do Predestinado Peregrino*, 54.

⁶³ *Historia do Predestinado Peregrino*, 47.

Lurdes Correia Fernandes, largamente equacionou o tema na segunda metade do século XVI e ao longo de todo o século XVII. Esta foi efectivamente uma das grandes preocupações do jesuíta. Mesmo num texto da natureza do presente, e logo menos vocacionado para grandes excursos, não deixa de sublinhar que, na sua «primeira idade», os filhos se não devem criar com «Própria Vontade», tal como acontecia com os de Precito, mas sim com pouca liberdade, sendo obrigações dos pais «governar, sustentar, amar, vigiar e corrigir»⁶⁴. De resto, o Pde Gusmão acabaria por dar provas do relevo que atribuía à questão, essencialmente ao longo de seiscentos, tão central na produção escrita da Companhia, ao dedicar-lhe a *Arte de criar bem os Filhos na idade da puerícia* (1685), em que regista o respectivo peso na «formação da Christandade» e «na utilidade da Republica»: «é de tanta importancia, ó Pays de famílias, a boa creação dos filhos na idade da puerícia, de tam infelices consequencias sua ruim educaçam, que de hũa, e outra cousa pela maior parte depende o bom ou máo sucesso de vossas famílias»⁶⁵. Para além da repercussão que tal atitude tinha na reprodução de modelos de controlo social e religioso, em que obviamente a *Historia do Predestinado Peregrino* também participava, as necessidades e os problemas catequéticos do Brasil continuavam, nos finais do século XVII, a suscitar preocupações especiais que ajudam a enquadrar esta quase obsessão do jesuíta, espelhada nas obras em que se ocupou da educação de crianças e jovens.

Na impossibilidade de apontar aqui a totalidade de temas que, de resto, cobrem quase exaustivamente todas as questões religiosas, morais e espirituais a que a Companhia concedeu particular relevo, reservarei uma atenção especial para aquelas cuja repetição ou argumentação expandida captam de imediato a atenção do leitor, traduzindo o peso que o autor com toda a probabilidade lhes atribuía.

O «desengano», a que já aludimos, torna-se, compreensivelmente, no quadro da espiritualidade e sensibilidade barrocas, a espinha dorsal do texto, o fio condutor, a única e segura forma de, imitando Cristo, não se deixar seduzir por aparências, riquezas, grandezas ocas e vãs, tendo em conta que Alexandre de Gusmão se obstina em demonstrar que «No caminho, & sucesso destes Peregrinos, verá o Leytor, por onde se vai ao Ceo, & por onde se vai ao Inferno», tornando este «livrinho como hum roteiro de vida, ou morte sempiterna, para que conforme a elle governe seus passos, e vendo-o, não tenha escusa, se se perder».⁶⁶ É o desengano que permite não ser ofuscado «pelo grande teatro do

⁶⁴ *Historia do Predestinado Peregrino*, 162.

⁶⁵ *Arte de crear bem os Filhos na idade da puerícia*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1685. Ver Maria de Lurdes C. FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias*, ed. cit., 369-373.

⁶⁶ *Historia do Predestinado Peregrino*, «Prologo ao Leytor».

mundo», um mundo que «he huma força de comedia, que passa; hum entremez [...], huma farsa»⁶⁷.

As considerações expressas não se revestem de qualquer novidade no panorama da literatura religiosa e de espiritualidade e do próprio teatro do período que mal ou bem designamos por «Barroco». Deverão ser encaradas até como um dos grandes temas literários do século XVII, em conjugação com a inevitabilidade da passagem do tempo ou efemeridade dos bens terrenos. Aliás, julgo que o Pde Alexandre de Gusmão não pretendia de modo algum ser original, mesmo segundo os padrões da *imitatio* da época. A pedagogia jesuíta de que ele era certamente produto, mas também «produtor», investia prioritariamente na repetição, não sempre da mesma forma, mas sempre os mesmos princípios, que as técnicas retóricas fornecidas pela *Ratio* permitiam diversificar, nos parâmetros do «engenho». O «Desengano» ajudava a identificar a «Ocasão», esse «vale florido» propiciador do pecado, mas o caminho para Jerusalém não podia ser levado a bom termo sem a ajuda constante da oração vocal e, muito especialmente, da oração mental e da prática dos exercícios espirituais que facultavam a «Presença de Deus».

Em todo o caso, o Pde Gusmão não se prendia apenas às questões mais espirituais *stricto sensu*: a superioridade da «Lei Eclesiástica» sobre a «Lei Civil» ou da «Lei Divina» sobre a «Lei do Mundo», escorada «nas malditas» «Razões de Estado», merecem-lhe uma atenção particular, sublinhando a posição da Companhia de Jesus a propósito de tão debatidos e espinhosos problemas. A Lei Eclesiástica «dá as mãos à civil», mas é-lhe sempre superior. As «Razões de estado» encontram-se «fora de toda a razão» e apedrejam a «Lei divina». O Autor da *Historia do Predestinado Peregrino* não enjeita a ficção narrativa em prosa, ainda que lhe chame «historia» e não novela, para veicular as principais opções político-doutrinárias da Companhia, revelando a preocupação constante em fornecer as coordenadas que, em seu entender, deveriam enquadrar a visão do mundo de qualquer cristão. Acaba por reduzi-las, até, a um conjunto simples de manejar, sem grandes complexidades casuísticas, que a fórmula discursiva escolhida, a ficção em prosa, e o esquema figurativo, a alegoria, no sentido de metáfora continuada, permitem e potenciam, na medida em que facilitam a persuasão, pela memória, tornando-se mecanismos privilegiados de doutrinação espiritual, moral e religiosa.

Nesta moldura, não esquece, nem poderia certamente fazê-lo – e aludo apenas aos temas fundamentais – a centralidade da devoção à Virgem, tida como garantia da salvação, a importância e necessidade da confissão e comunhão

⁶⁷ *Historia do Predestinado Peregrino*, 47.

frequentes, a oração mental, a prática dos exercícios espirituais, a imprescindibilidade de um director espiritual para todos quantos pretendem percorrer o caminho da perfeição. Concretiza, assim, através da ficção alegórica, – e no contexto da exploração da “técnica emblemática” –, um programa amplo que em si concentra as linhas e opções doutrinárias essenciais da Companhia, reelaborando e sintetizando, no quadro da narrativa, um leque alargado de temas, num esforço de labor catequético que toma em conta, pelo menos do ponto de vista das intenções, aquilo que se acreditava ser o gosto dos leitores em termos de leitura de entretenimento.

Explorando justamente esse «horizonte de expectativas», o Pde Gusmão colocava, no entanto, o «delectare» ao serviço do «prodesse», considerando que a «utilitas» do texto se servia da fórmula discursiva escolhida para criar uma obra cujos objectivos edificantes não poderiam ser postos em causa. Se tivermos em conta que a sua experiência de professor, mestre de noviços e director espiritual teve lugar no Brasil, poderemos perceber melhor as opções discursivas de Alexandre Gusmão. Verdadeiramente o seu objectivo maior era «evangelizar» e, desse ponto de vista, a circulação dos seus textos, em Portugal e no Brasil, concentrava e conciliava em si, neste caso particular, e um pouco metaforicamente, como é óbvio, as «Índias de cá» e as «Índias de lá», procurando reagir à corrupção de costumes com severas directivas, codificando normas de comportamento espiritual, moral, religioso, investindo, em consequência, em formas de disciplinamento social. Como programa pedagógico, a *Historia do Predes-tinado Peregrino* inseria-se, com toda a legitimidade, na vastíssima produção «literária» dos inicianos, visando a formulação de «artes de vida», no sentido em que os tratadinhos de preparação para a morte eram «artes de morrer», orientadas umas e outras para moldar o comportamento do cristão.

Neste contexto, não deixa de ser curioso que na primeira metade do século XVIII, fértil, aliás, em «novelas» alegóricas, Nuno Marques Pereira tenha escrito o já citado *Compendio narrativo do peregrino na América em que se tratão vários discursos espirituaes e moraes com muitas advertências e documentos contra os abusos que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil* (Lisboa, Manuel Fernandes Costa, 1728), entendendo que as terras de Vera-Cruz continuavam a necessitar de obras que se apresentassem como roteiros de vida, facultando modelos precisos de imitação.